

## TRADIÇÃO E RUPTURA EM UM ROMANCE CONTEMPORÂNEO: AS VISITAS QUE HOJE ESTAMOS

Sylvia Helena Telarolli de Almeida LEITE

(Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara/UNESP)

syltela@uol.com.br

**Resumo:** Esta comunicação tratará de **as visitas que hoje estamos**, primeiro romance de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, publicado em 2012, para observar como neste texto se configuram dois aspectos apontados na proposta de abordagem do GT: o modo como algumas técnicas de vanguarda atuam na fragmentação das instâncias narrativas e também o modo como se apresentam reconfigurados elementos de feição realista. Nossa hipótese é que, por meio da linguagem e da experimentação com as vozes narrativas, elabora-se a feição inovadora deste romance. São várias narrativas agrupadas, que permitem ler o livro como um romance, constituído pela somatória de várias histórias, com diferentes narradores, a compor um mosaico singular. Diferentes vozes cruzam-se numa estranha harmonia. São personagens que brotam do interior do Brasil ( a dicção lembra a das cidades do interior de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, um pouco de Goiás e Mato Grosso) e contam suas histórias em uma expressão que mescla a linguagem descuidada das ruas, muito próxima à oralidade e a expressão culta, circunscrita a grupos e situações mais restritos, compondo, em discurso indireto livre, uma expressão cheia de graça e vivacidade. É possível, também, ler o livro como um conjunto de textos que preservam certa autonomia, pois o autor se vale da mistura de gêneros, com capítulos compostos como se fossem poemas; outros, como textos dramáticos; alguns, como contos. A análise se desenvolverá a partir da observação especialmente dos elementos estruturais e estilísticos do texto.

**Palavras-chave:** romance; literatura brasileira contemporânea; tradição; ruptura; humor

### 1. Convite à leitura

Antonio Geraldo é escritor ainda jovem, que tem por volta de seus quarenta e poucos anos; nascido no interior de São Paulo, na cidade de Mococa, formou-se em Letras pela USP, onde fez também o mestrado; na década de 90, abandonou a vida acadêmica e mudou-se para Arceburgo (MG), local em que ainda reside. Tem publicados textos em jornais e revistas e um livro de poemas, **peixe e mímica** (2003); **as visitas que hoje estamos**, que é o primeiro livro em prosa publicado pelo autor, vem já com certa maturidade.

Chama a atenção, logo à primeira vista, o título do volume, pela sua estranheza; o nome do livro, escrito todo em letras minúsculas, sem qualquer destaque às letras iniciais das palavras, desafia a curiosidade do leitor, bem como a expressão que lhe dá o nome: seria de se esperar, por exemplo, *as visitas que hoje somos*, ou *as visitas que*

*hoje esperamos*, mas o *estamos* dá justamente um tom dissonante à apresentação, pois enfatiza a situação de desconforto da visita passageira, à mercê das circunstâncias. O verbo estar sugere também a condição de transitoriedade que marca a vida humana, a finitude, a fragilidade que nos constitui. A ausência das maiúsculas no título e no desenvolvimento de todo o romance, em que estão ausentes, sugere ainda que o texto se reporta à vida de gente simples, gente anônima, desprovida de maiores recursos ou pretensões.

E assim, finitas, frágeis, transitórias, são as personagens que povoam as narrativas. São narrativas, no plural, porque se pode ler o livro como um romance, constituído pela somatória de várias narrativas, com diferentes narradores, a compor um mosaico singular. Diferentes vozes cruzam-se numa estranha harmonia, que tem sua dose de bizarria e beleza. São figuras que brotam do interior do Brasil (a dicção lembra a das cidades do interior de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, um pouco de Goiás e Mato Grosso) e contam suas histórias em uma expressão que mescla a linguagem descuidada das ruas, muito próxima à oralidade e a expressão culta, circunscrita a grupos e situações mais restritos, compondo, em discurso indireto livre, uma expressão cheia de graça e vivacidade:

não, obrigado, estou satisfeito

bem que a gente até podia teimar, não, não quero comer mais, então a tia marica, que era de casa, se levantava e dizia, não quer, meu filho?, não tem problema, e pegava o prato, vou guardar no forno, para quando você tiver fome de novo, depois falava, virada para a minha mãe, Estefânia, fartura é disciplina, mamãe concordava, dava muita corda para ela, a gente tinha uma raiva, mas respeitava, ela continuava, tanta fome no brasil, é de pequenino que se torce o menino, o menino decerto era eu, ou qualquer outro que largasse a comida no prato, um dia retruquei, o certo é pepino, ela me olhou feio, gaguejou para mamãe, depois resolveu de vez a questão, decidindo que para o nosso caso a tradução correta era menino, mesmo, menino insolente como eu, que deveria desentortar, a partir dali, com vara de marmelo, preciso fosse [...] (p.182-183)

Ou pode-se ler o livro como uma reunião, um conjunto de textos (contos, crônicas, poemas, aforismos) que preservam certa autonomia e podem ser lidos separada ou parcialmente.

É inovador o texto desse autor que já nasce maduro na linguagem peculiar que constrói, um hibridismo que aproxima o popular e o culto, a fala sem cerimônia do cotidiano e a expressão do letrado, evidente na seleção do léxico, na construção da sintaxe, mas também na sonoridade que lembra o vozerio do mercado, da feira, da rua e se instaura no ritmo do falatório, do boato, do mexerico da esquina, sobretudo pela pontuação que emaranha as palavras numa conversa sem fim e sem começo, sempre se fazendo, sempre em andamento. São as sobras de um “difícil mundo caipira, meio rural, meio urbano, às vezes no limite do surreal” e que hoje se encontra “em vias de desaparecimento”, conforme assevera José Antonio Pasta, na orelha do livro.

Ao resenhar o livro de poemas do autor, Alfredo Monte identifica traços que também podem ser encontrados no romance, ao classificar o autor como um “**prisioneiro do interstício**”, “atento ao infinito e ao quintal, a um só tempo”. De fato, nos poemas e no romance, o texto, no nível estilístico e temático oscila entre o rural e o urbano, o local e o universal, a pequenez e a amplitude, o popular e o culto, compondo uma escrita do interstício.

O romance compõe um painel muito rico de tipos, uma espécie de “enciclopédia de espoliados pela vida”, como classifica Luiz Costa Lima; são donas de casa, aposentados, crianças, desempregados, pequenos funcionários, pequenos figurantes. Diálogos entrecortados, falas inacabadas, a maioria dos capítulos é composta como um único parágrafo. Também é inovadora a incorporação em um mesmo texto ficcional de distintos gêneros e códigos: há capítulos que são poemas, alguns são cenas de uma peça de teatro, que se interrompe e , quando menos se espera, é retomada; outros capítulos são compostos por uma foto, acompanhada de uma única afirmação sugestiva, em geral com significação irônica. Sob esse aspecto, a estruturação dos capítulos, na concisão e no tom incisivo, lembra os textos em prosa do Oswald de Andrade modernista; já na mistura de códigos e na tonalidade irônica, faz lembrar bons poemas, de cunho lírico-satírico, de José Paulo Paes.

dizem que eu devia

acertar o passo  
dar o sangue  
mas  
em mim  
em minhas mãos  
veias, artérias  
tudo contramão (p.291)

jornal

horóscopo, falências e obituário, pra

que mais? (p.290)

A diversidade de vozes, tons, linguagens, a profusão de registros talvez seja a marca que identifica boa parte das peças desse mosaico; se o ritmo da narrativa às vezes fraqueja na fragmentação que desorienta o leitor , é esta também um traço da agilidade e da riqueza do texto , preço a pagar pela ousadia e risco do empreendimento, cujo resultado final vale a pena.

## 2. Tradição e ruptura: alguns pronunciamentos críticos

Logo que surge o romance, Luiz Costa Lima o reconhece como uma grata surpresa, “uma ficção que parece evitar ser reconhecida como ficção” (2012), destacando que o “não fictício” do romance não se relaciona com “a nossa tradição naturalista de romances documentais e de testemunhos”, mas com a ausência de dois componentes esperados na obra romanesca: o enredo e a unidade de dicção, pois os personagens que povoam o texto são figuras anônimas de toda uma comunidade “que é coberta pela quebra da unidade de dicção”. Esta “unidade de dicção” ou estilo é substituída por uma dualidade de dicções, em que “a dominante é a de cunho rural-interiorano, a dominada é a dicção culta, que remete à fala do próprio autor”. Mas o aspecto realmente inovador do texto é que o registro da expressão “rural-interiorana” não tem um caráter especular, pois é muito original. Esses traços, muito oportunamente apontados, permitem compreender o porquê da opção pelo fragmentário na composição do romance.

José Antonio Pasta, ao comparar o modo como Antonio Geraldo Ferreira dá voz a seus personagens, com a solução buscada e alcançada por Guimarães Rosa, oferece uma pista importante, mostrando que ambos dão voz ao homem do interior, mas de forma diferente: “O Rosa busca a origem, o aspecto arcaico da palavra. Já Ferreira foca a interação moderna entre a voz rural e a voz culta.” (2012)

Flora Sussekind (2013), em recente e instigante ensaio publicado sobre a literatura contemporânea no Brasil, reconhece no texto de Antonio Geraldo elementos relevantes a destacar. A ensaísta considera que há alguns textos que caminham na contramão das expectativas do mercado e da crítica, que valorizam “formas homogêneas e estáveis”; estes textos, segundo a ensaísta, compõem-se a partir de “uma multiplicidade de vozes e registros” e são por ela denominados de “formas corais”, em que se agregam “falas, ruídos e gêneros” e que se filiarão a uma “linhagem instabilizadora da literatura brasileira”, bem como à produção recente em outras artes (cinema, teatro, artes plásticas), contrapondo-se a tendências atuais de reiteração de poéticas tradicionais. Estes textos se constituem a partir de operações de escuta, como “uma espécie de câmara de ecos”, que faz ouvir o rumor de vozes e ruídos desfocados, fomentando a “interrogação simultânea tanto da hora histórica, quanto do campo mesmo da literatura”.

Por outro lado, a abordagem do “entroncamento problemático do rural e do urbano” evidencia, mesmo que pelo avesso, uma proposta de “releitura da tradição narrativa brasileira”. Dilacerado entre “compilação e esgarçamento”, o texto de Antonio Geraldo evidentemente revisita alguns de nossos autores canônicos: Machado de Assis, Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Francisco Alvim, mas para criar algo novo, original.

### 3. Entre o riso e as lágrimas: uma provocação a mais

Pelas considerações acima expostas é possível observar que **as visitas que hoje estamos** é um texto que oferece interesse à análise e à crítica, pelo que tem de inovador, instigante, provocador. Trata-se de romance para ser lido e relido, oferecendo distintas possibilidades de abordagem.

Um aspecto que não está ainda devidamente tratado acerca deste romance é o modo como nele se configura o humor. Presente em vários textos da ficção contemporânea, seja com tonalidade satírica, irônica ou mesmo paródica, o modo mais frequente com que este se configura é no amálgama entre o trágico e o cômico, seja transitando de um a outro, para atenuar o peso da tristeza que assola a vida das personagens, com o anti-clímax do riso, seja explorando situações em que se casa ao mesmo tempo o viés trágico e o cômico, em que “rimos para não chorar” ou em que nos defrontamos com o “riso úmido”, o riso molhado pelas lágrimas. (KUPERMANN, 2005, p.25)

Há, todavia, algumas narrativas que são especialmente interessantes no que diz respeito ao humor, porque são elas quase que completamente apoiadas neste efeito. Isto acontece sobretudo em textos em que o efeito cômico tem como origem e fim a linguagem, isto é, são textos em que aflora o cômico da própria linguagem, em que esta não é um meio para apresentar uma situação de comicidade, mas quando um certo tipo de expressão linguística, um jeito de falar ou contar, um modo de se expressar e comunicar constitui a alma da narrativa; é o que Pirandello chama em seu célebre artigo sobre o humorismo de “excentricidade de estilo” (1996, p.118). É, por exemplo, o caso de **Pornopopéia**,(2009) de Reinaldo Moraes, narrativa protagonizada e narrada por Zeca, cineasta marginal que só quer saber de sexo e drogas, mal sucedido na vida, cujas peripécias são narradas em chave extremamente coloquial, um coloquialismo urbano, meio cosmopolita, vincado por expressões em inglês entremeadas ao mais chulo português brasileiro das ruas.; **Estive em Lisboa e lembrei de você (2009)**, de Luiz Ruffatto também apoia seu humor em um jeito muito peculiar de expressão, uma expressão mineira, meio simplória e despretensiosa, um jeito caipira de falar que ouvimos ainda nas ruas das pequenas cidades do interior e que vai se tornar mais cômico quando se mistura às expressões lisboetas adquiridas por Serginho, o protagonista, mineiro de Cataguazes, no período em que vive na capital portuguesa.

**as visitas que hoje estamos**, de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, compõe-se de narrativas autônomas, como já foi acima exposto e em várias delas evidencia-se a “excentricidade de estilo” constitutiva de humor de excelente qualidade. Situações do cotidiano, trágicas em sua essência, apresentam-se cômicas pelo modo como são narradas, apropriando-se da tonalidade da expressão oral, que inclui expressões de baixo calão e a gesticulação insinuada:

arqueologia

entraram em casa e reviraram tudo, beberam vinho, uísque, quebraram garrafas, levaram computador, tv, som, cds, mijaram nos meus livros, um cagou dentro da gaveta da escrivaninha e limpou a bunda com o papel-bíblia da edição do machado, da nova aguilar, só guardaram de volta, na geladeira, uma peça de queijo prato com uma mordida deste tamanho (p.69)

As credices e superstições que alimentaram o imaginário de várias gerações de interioranos brota no texto da dicção coloquial, em capítulo-fragmento, que evidencia que o melhor humor se constrói no atrito entre o trágico e o cômico:

só deus sabe

não sei por quê, não deixo os chinelos de borco de jeito nenhum, não durmo de frente pra porta, nem cochilar eu cochilo, rapaz, não cruzo as mãos no peito, nunca deixei que me costurassem as roupas no corpo, e não é só isso, não, quando alguma criança comendo pão cai perto de mim, acudo primeiro o pão, correndo, meu Jesus, jamais vesti roupa do avesso, não faço barba à noite, cortar as unhas, então, nem pensar, a porta do guarda-roupa sempre fechada, e agora essa doença, nunca nem falei o nome dela, dessa doença, e agora essa doença, meu Deus, não sei por quê (p.66)

O estranhamento que gera o riso é faísca que se incendeia pelo modo como a articulação das vozes entabula um dissonante diálogo, que soa íntimo às nossas origens caipiras, mas anacrônico em tempos de padronização globalizada.

O que se percebe, por fim, é que no romance domina, como em parte da ficção brasileira mais recente, um tom melancólico. Talvez porque hoje, enterradas muitas esperanças frustradas de mudanças e uma renovação verdadeira na nossa vida social e política, vivamos uma espécie de ressaca das nossas expectativas goradas. É um tempo meio ensimesmado, de desencantamento, que favorece e pede uma reflexão mais pausada sobre o que nos tornamos ou poderemos nos tornar enquanto grupo, comunidade ou nação. Os textos parecem, cada qual a seu modo, interrogar, sobre onde está o pertencimento, a nossa identidade perdida. Talvez seus rastros possam ser encontrados nas pequenas histórias, no cotidiano de cada um, nas vidas precárias visitadas nesta narrativa contundente e lírica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, A. G. F. **as visitas que hoje estamos**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- SLAVUTZKY e KUPERMANN (org.) **Seria trágico... se não fosse cômico : humor e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- LIMA, L.C. Uma grande surpresa. <http://www.valor.com.br/cultura/2957204/uma-grande-surpresa#ixzz2huzfs4CD>
- MONTE, A. O prisioneiro do interstício: Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira e sua poesia “entre o infinito e o quintal”. <http://armonte.wordpress.com/2013/09/24>
- PASTA, J. A. Orelha de **as visitas que hoje estamos**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- PIRANDELLO, L. **O humorismo**. São Paulo: Experimento, 1996.

SUSSEKIND, F. Objetos verbais não identificáveis.

<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/21/objetos-verbais-nao-identificados-um-ensaio-de-flora-sussekind-510390.asp>